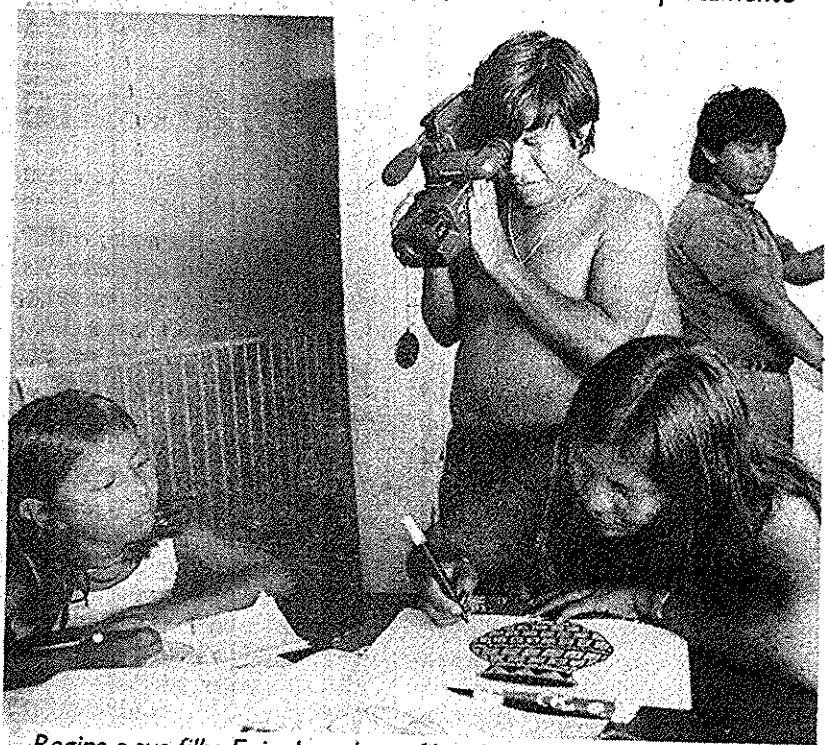


Êxodo indígena provoca aculturação, diz Funai



A índia Geny, doutora em biologia pela USP, em seu apartamento



Regina e sua filha Enia desenhavam, filmadas pelo pai, Manuel Moura

Família troca tribo por estudo

Do correspondente em Manaus

A família Brelaz de Castro, de índios mundurucu de Autazes, mostra a transformação do perfil social, cultural e econômico dos índios da Amazônia. Geny, 63, doutora em biologia pela USP, Gessy, 55, professora no Rio, e Jair, 58, advogado, deixaram a tribo quando tinham entre 11 e 17 anos, e foram estudar e trabalhar em outros Estados.

Geny saiu da aldeia para estudar com freiras salesianas, formou-se em farmácia em Recife (PE), doutorando-se em São Paulo. Hoje é professora da Universidade do Amazonas.

Gessy estudou com salesianos e formou-se em pedagogia no Rio. Trabalhou na Funai após sair de

Manaus, aos 17 anos. Ela voltou a Manaus há duas semanas para instalar, com Geny, um projeto ecológico em Presidente Prudente (a 800 km de Manaus).

Jair abandonou a aldeia há 18 anos para servir no Batalhão Especial das Fronteiras do Exército, em Tabatinga. Encontrou-se com as irmãs em Recife, onde se formou em direito. "Não podemos negar que vencemos na vida. E temos bens e conquista, desejadas por todos os brancos", disse.

Para Geny, a família se acultrou mas preserva os principais costumes, como "o dialeto indígena, ensinado aos filhos, o uso da farmácia indígena e da alimentação à base de mandioca". Ela afirmou que participa de festas em sua aldeia todos os anos.



PRESIDENTE GANHA ESTATUA

O presidente Fernando Collor ganhou ontem uma estátua de uma índia kamaiurá (foto). Ela foi feita em fibra de vidro pelo sue-

co-peruano Felipe Lettersten. Na corrida, Collor usou uma camiseta com a inscrição Rio 92, referência à ECO-92, prevista para 92 no Rio.

Do correspondente em Manaus

A Fundação Nacional do Índio estima que 10% dos 160 mil índios — 93 grupos indígenas — da Amazônia Ocidental que saíram de suas aldeias nos últimos anos foram aculturados ou estão em processo de aculturação. A região, jurisdição da Funai do Amazonas, compreende Amazonas, Acre, Roraima e sul do Pará.

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) calcula que 15% dos 185 mil índios — 144 grupos — da Amazônia Legal (Estados da região Norte, Mato Grosso e parte do Maranhão) estão estudando, trabalhando e vivendo nas cidades da região.

O presidente da Coiab, Manuel Moura, 39, afirma que os índios passaram a migrar para as cidades a partir de 1988, quando o governo federal começou a aplicar sua política de integração.

Hoje ele avalia que os índios que vivem nas cidades "não só perderam a identidade e os costumes indígenas, como têm vergonha de dizer que nasceram em uma aldeia". "A maioria afirma que é do Ceará", disse.

O chefe da Divisão de Educação da Funai do Amazonas, Reinaldo Zuardi, 38, disse que, a cada ano, uma média de 50 índios sai de suas aldeias para estudar nas cidades. Eles procuram cidades maiores e "raramente voltam para suas aldeias".

A antropóloga Luciente Guimarães, 30, chefe da divisão de Desenvolvimento Comunitário da Funai do Amazonas, disse que "hoje nós temos índios funcionários da Funai, empregadas domésticas, comerciantes".

O mecânico Alvaro Moura, 34, da tribo Mura de Autazes (a 221 km de Manaus), não se "considera índio". Há dois anos, ele abriu uma oficina no bairro Compensa,

em Manaus (AM). Calcula que ganha Cr\$ 90 mil por mês e tem videocassete, TV a cores, geladeira e uma máquina de fazer massa de pão. "Índio é aquele que aparece com cocar e penas na televisão", definiu Alvaro.

O secretário da Coiab, Orlândino Baré, 39, disse que levantamento feito pela entidade constatou que os bairros Compensa, Alvorada e Cordado, em Manaus, são habitados por índios tikuna, tukano, saterê e mauwe.

Ele afirmou que o conjunto Asa Branca, de Boa Vista (RR), tem pelo menos 2 mil habitantes de uma única tribo macuxi. "A maioria que vem para a cidade vira empregada doméstica, prostituta, mecânico ou biscateiro, mas gosta da cidade e do que ela oferece".

(Efrém Ribeiro)

80% da população de cidade é índia

Do correspondente em Manaus

Segundo estatísticas do IBGE e da Prefeitura, 80% dos 45 mil habitantes de São Gabriel da Cachoeira (a 850 km de Manaus) são índios. O vice-prefeito, Jucelino Otelo Gonçalves (PFL), que é índio, disse que a maioria dos habitantes da cidade é tikuna, dessano e tukano.

Segundo ele, os índios que moram na cidade já estão aculturados e "não seguem mais os rituais e costumes de suas tribos". Os índios são comerciantes, professores, empregadas domésticas, funcionários do Tribunal de Justiça e da Prefeitura.

O prefeito José Ribamar Caldas (PFL), 35, afirmou que os índios ocupam cargos assalariados e constituem a maior força política da cidade. Eles elegeram quatro dos dez vereadores em 1989. "Eu fui eleito pelo apoio dos índios", afirmou Caldas.

A cidade tem pequenos prédios e casas feitas de taipa. As escolas da rede pública de ensino na zona rural ficam em aldeias indígenas. Levantamento do IBGE constatou que 4% da população da cidade é de analfabetos. Os índios são alfabetizados.